

O II Encontros de Cultura e Património da Figueira da Foz focando a visita real de 1882, por ocasião da inauguração da linha de caminho-de-ferro da Beira Alta, reuniu um conjunto de académicos, investigadores e especialistas deste período, propiciando uma visão interdisciplinar sobre os aspetos marcantes deste acontecimento em Portugal, em particular no território figueirense. Enquadrando o contexto político, económico, social e gastronómico do final do século XIX, registaram-se as memórias desse evento, contribuindo para a compreensão do presente, resgatando o passado.

figueira
da cultura.

CADERNOS MUNICIPAIS • Nº 53 • II ENCONTROS DE CULTURA E PATRIMÓNIO • A VISITA REAL DE 1882

CM
CADERNOS
MUNICIPAIS
FIGUEIRA DA FOZ
PATRIMÓNIO

[Nº.53]

II ENCONTROS DE CULTURA E PATRIMÓNIO



A VISITA REAL DE 1882

II ENCONTROS DE CULTURA E PATRIMÓNIO
NA FIGUEIRA DA FOZ

A VISITA REAL DE 1882

COORDENAÇÃO

Guida Cândido

Margarida Perrolas

CM
CADERNOS
MUNICIPAIS
FIGUEIRA DA FOZ
PATRIMÓNIO

figueira
da cultura

manuscrita, da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, s/d.
MM-2005-0006-1887 “Programa de festa realizada no Collegio Progresso em 13-08-1904”, de Júlio Cardona.
MM-2005-0006-2209 “Carta”, correspondência da autoria de José Augusto Ferreira da Silva dirigida a Júlio Cardona no Brasil, datada de 22-10-1909.
MM-2005-0006-2499 “Carta”, correspondência da autoria de José Augusto Ferreira da Silva dirigida a Júlio Cardona, datada de 11-07-1916.
MM-2005-0006-3222 “Concerto do violinista Julio Cardona”, programa de concerto no Salão do Conservatório Typ. La Bécarre, 01-05-1904
MM-2005-0006-3224 “Concerto do professor violinista Julio Cardona”, programa de concertos no Salão do Conservatório, Pap. e Typ de Paulo Guedes & Saraiva, 18-04-1905
MM-2005-0006-3371 “audição de alunos de Júlio Cardona no Conservatório”, 20-12-1913
MM-2005-0006-5025 “A Lusitânia Marcha Ttriumphal - Canção Marcial da República Portuguesa (etc) “Dedicado ao Directório do Partido” (republicano ...)” , partitura musical manuscrita da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, s/d.
MM-2005-0006-5026 “Marcha triumphal da republica Portuguesa (Hymno do Fundão)”, inspirado pela proclamação da Republica Francesa depois da queda do Império Napoleão III, datada de novembro de 1872.
MM-2005-0006-5064 “frases ou fragmentos de canções e melodias curtas de carácter popular, melodia “A criada que é janota”, com anotações de J.A.Ferrª da Silva”, datada de 1861, Viseu.
MM-2005-0006-5301 “Postal” enviado a Cardona no Brazil assinado por Bella, e pelas irmãs Laura e Magdalena, datado de 19-09-1907.
MM-2005-0006-5363 “Carta”, enviada por Gladys de Almeida a Júlio Cardona sobre concerto em Boston, datada de 13-10-1925.
MM-2005-0006-5673 “Lista dos membros da organização do Instituto Musical em Coimbra”, datada de março (?) de 1889.
MM-2005-0006-5674 “Lista de sócios e de correspondentes do Instituto Musical de Coimbra”, datada de março (?) de 1889.
MM-2005-0006-5676 “Projecto de estatutos do Instituto Musical em Coimbra”, datado de março (?) de 1889.
MM-2005-0006-6123 “Meia-noite, valsa brilhante, nº 2”, partitura musical manuscrita da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, sem data.
MM-2005-0006-6192 “Lista de obras compostas por Júlio Cardona, manuscrita pelo próprio, sem data.
MM-2005-0006-7998 “Vários documentos relativos ao fim da «digressão pelos EUA», de onde regressou em maio de 1926” datados de abril de 1926.

A FIGUEIRA DA FOZ DA BELLE ÉPOQUE (1890-1914)

Irene Vaquinhas
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra | FLUC
Centro de História da Sociedade e da Cultura | CHSC

RESUMO

Nesta comunicação faz-se uma breve apresentação da cidade da Figueira da Foz no período da *Belle époque*, expressão que, tendo nascido já no século XX, se aplica aos últimos anos que antecederam a I Grande Guerra. Desde a década de 1890 que a cidade se converteu numa concorrida estância balnear, muito frequentada por banhistas espanhóis, fruto sobretudo da melhoria das acessibilidades por via ferroviária. “Praia peninsular” é a designação que melhor a caracteriza neste período, investindo o poder municipal e empresas locais num conjunto de infraestruturas representativas de uma certa modernidade, a exemplo dos equipamentos recreativos que a cidade ganha nestes anos, alguns dos quais se tornarão emblemáticos e o *rendez-vous* da sociedade elegante, contribuindo para afirmar a cidade no espaço ibérico. Far-se-á também uma breve incursão pelos espetáculos e repertórios musicais mais comuns, ao tempo, bem como pelas imagens veiculadas pela publicidade, as quais transmitiam as ideias de distinção social, de sobriedade, de nobreza e de cosmopolitismo, adequados ao público da média e da alta burguesia que se pretendia cativar.

Palavras-chave: *Belle époque*; Estância balnear; Figueira da Foz; Espanha; Praia peninsular; Casinos e casas de espetáculos; Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz.

Abstract

FIGUEIRA DA FOZ IN THE BELLE ÉPOQUE (1890-1914)

This paper offers a short presentation of the city of Figueira da Foz in the period of the *Belle époque*, an expression that originated in the 20th century and refers to the last decades before the outbreak of World War I. From the 1890's onwards, the city became a popular seaside resort sought after by a great number of Spanish bathers, mainly as a result of improved accessibility by train. "Iberian beach" is the expression that best describes the city during this period, with local authorities and companies investing in a number of infrastructures that represented a certain modernity, such as the recreational infrastructures built during these years. Some of these facilities will become iconic meeting places for the most refined individuals, helping the city assert itself in the Iberian Peninsula. This paper will also briefly analyse the most common musical performances and repertoires at that time, as well as the images conveyed by advertising, which spread the ideas of social distinction, sobriety, nobility, and cosmopolitanism that suited the target audiences of the middle and upper bourgeoisie.

Keywords: Belle époque; Seaside resort; Figueira da Foz; Spain; Iberian beach; Casinos and show houses; Grande Casino Peninsular of Figueira da Foz.

INTRODUÇÃO

O acontecimento que este "Encontro de Cultura e Património" evoca - a visita régia à cidade da Figueira da Foz, a 3 de agosto de 1882, para a inauguração da linha de caminho-de-ferro da Beira Alta - veio a condicionar, de um modo significativo, o desenvolvimento da localidade. Por um lado, afetou negativamente a atividade comercial do porto e da barra, reduzindo-as¹, obrigando a burguesia figueirense a reconverter parte da sua atividade comercial; por outro, pela expansão e articulação com a rede ferroviária espanhola², contribuiu para transformar a cidade numa concorrida estância turística, dinamizando a circulação interna e o trânsito internacional, atraindo, entre outros grupos sociais, elementos das elites peninsulares. O abastado proprietário ribatejano, aristocrata e fotógrafo amador, Carlos Relvas (1838-1894)³, o conde de Monsaraz, António de Macedo Papança (1852-1913)⁴, individualidades do meio académico espanhol como os docentes da Universidade de Salamanca, Miguel Unamuno (1864-1936)⁵ e Eduardo Nó y Garcia⁶, ou, ainda, do mundo artístico nacional, como o pintor Abel Manta (1888-1982)⁷, foram, entre outros, hóspedes fiéis da cidade, em período de veraneio. Embora a instalação da via férrea não possa ser considerada o principal fator para os efeitos económicos referidos⁸, os quais têm

1 O declínio do movimento do porto foi "particularmente nítido a partir de 1890, tornando-se irreparável a partir de 1897, quando diminuiu a exportação de vinhos para o Brasil" (Cascão 2009: 93).

2 Vaquinhas 2012: 57-58.

3 Fonseca 2015: 75-76.

4 Vaquinhas 2012: 74; 148.

5 Unamuno 1911: 138; "Conferencia", *A Gazeta da Figueira*, 09-08-1914; "Unamuno e a Figueira da Foz", *A Voz da Figueira*, 27-03-1969.

6 Vaquinhas 2012: 58.

7 Vaquinhas 2012: 140.

8 O historiador Rui Cascão aponta um conjunto variado de fatores para a recessão da conjuntura

causas mais complexas e abrangentes, aquele acontecimento marcou uma viragem na história da cidade, abrindo caminho a novos signos de modernidade e à sua projeção nos *media* da época. Com efeito, a partir do momento em que a cidade começa a ser rasgada pelo comboio a afluência sazonal intensifica-se, atraindo um número cada vez maior de banhistas, de vários estratos sociais, captando investidores que a dotam de equipamentos representativos do turismo balnear internacional (balneários com cabines para banhos de mar, hotéis e casinos). A associação praia-lazer-jogo-turismo tem a sua génese neste período⁹, embora seja precedida pela moda europeia do veraneio¹⁰, cuja origem se inscreve no contexto da afirmação dos lazeres, da consolidação do Estado higienista e da medicalização da sociedade, do desenvolvimento dos meios de transporte e do aumento do turismo¹¹. Pelas suas águas frias e batidas, “ares iodados” e “lavados pela brisa marítima”, pelos revigorantes e enérgicos banhos de mar¹², como se escrevia na imprensa, a Figueira da Foz correspondia ao modelo da praia-terapêutica, então em voga¹³.

Em termos cronológicos, esta alteração coincide com a “*Belle époque*”, cronónimo cuja definição e sentido simbólico brevemente se revisita.

económica local: as dificuldades oferecidas pelo porto e barra, a redução do comércio de cabotagem e, muito em especial, do comércio de longo curso, bem como a perda dos principais mercados consumidores, tanto do Brasil como da Europa do norte, com os quais os empresários figueirenses faziam um intenso comércio no início do século XIX (Cascão 1980: 174-175; Cascão 2009: 93-94).

9 Vaquinhas 2017.

10 Cascão 2000: 323-325; Towner 1996.

11 Toulhier 2005: 211-212.

12 Vaquinhas 2012: 49.

13 Martins 2011: 73-85.

BELLE ÉPOQUE: DEFINIÇÃO, PERIODIZAÇÃO E CONDICIONALISMOS

A expressão “*Belle Époque*” que, numa tradução literal, significa “*bela época*”, nasceu por volta de 1919, já depois do fim da I Grande Guerra, sendo utilizada para designar o período anterior ao grande conflito mundial. Embora a sua data de início não seja consensual¹⁴ – alguns autores apontam o ano de 1896¹⁵; outros o período da Guerra Franco-prussiana, em 1870-71¹⁶; outros, ainda, a data de abertura da Exposição Universal de 1900¹⁷. – a designação aplica-se, em particular, aos primeiros anos do século XX, identificando uma fase emblemática de uma certa “doçura e alegria de viver”, tendo como modelo de referência a cidade de Paris, considerada uma das metrópoles culturais do tempo. A capital francesa acolhia, ao tempo, emigrantes de luxo, sendo o bairro de Montparnasse cenário de um ambiente cosmopolita, aberto às novas ideias e às vanguardas artísticas, o que alimentaria a mitologia da *cidade-luz*.

Por volta de 1900, ano da Exposição Universal que recebeu cerca de 50 milhões de visitantes, a cidade oferecia mil e um prazeres, sabendo conjugar audácias estéticas e inovações científicas, com a frivolidade da vida mundana, a opulência refinada das elites, a alegria contagiante dos teatros de *boulevard* e dos cafés-concerto, a atração do cancan do “*Moulin Rouge*” e das “*Folie Bergères*”, a sedução e o exotismo das dançarinas e das cantoras, a exemplo da Bela Otero (1868-1965), de Mata Hari (1876-1917), de Mistinguett (1875-1956) ou de Yvette Gilbert

14 É o caso de Dominique Kalifa, autor de uma obra recente consagrada a este período histórico (Kalifa 2017: 17).

15 Winock 2002: 11. Esta data corresponde a um ciclo de crescimento e de prosperidade económica, ou melhor, a uma fase A de Simiand, caracterizada pelo aumento dos preços, o que indicia o retomar da tendência expansionista da economia, após um longo período de depressão (Lejeune 1995: 7-9).

16 Teixeira 1990: 313.

17 Kalifa 2016: 119.

(1865?-1944), artista imortalizada pelo pintor Toulouse-Lautrec¹⁸. O termo expande-se rapidamente, sugerido pelo contraste que evoca em relação ao tempo de angústia e de sofrimento da I Guerra Mundial, convertendo-se numa expressão consagrada para designar um período temporal política e economicamente estável, marcado por “grandes conquistas tecnológicas, pela crença inabalável na ciência e no progresso”¹⁹. Coincide com a aceleração da economia e a modernização do sistema bancário, com inovações tecnológicas, como a segunda revolução industrial baseada na eletricidade, com a emergência de novas indústrias, como a do automóvel, com a construção dos grandes impérios coloniais, com novas descobertas científicas (como o estreptococos por Pasteur ou o bacilo da tuberculose por Koch), com profundas alterações na arquitetura, nas artes decorativas e na divulgação de novos estilos, como a arte nova e o cubismo, entre outros. Trata-se, no entanto, de uma designação nostálgica que remete para “um mundo que perdemos”, irrepetível, o que também a converte num conceito controverso: história e nostalgia opõem-se e é precisamente esse sentimento mitificado que define o conteúdo e o imaginário associado ao cronónimo²⁰. Contudo, apesar de França e da sua capital permanecerem como a referência matricial da *Belle Époque*, esta expressão foi apropriada para identificar, em termos ideológicos, um momento particular do “esplendor da Europa”, antes de este ser irremediavelmente posto em causa pelo conflito mundial.

Delimita, por conseguinte, determinados traços comuns à sociedade europeia finissecular, como é o caso da presença de elites numericamente restritas e que se distinguem pelo seu refinamento e ociosidade; pela crença nos valores do trabalho, da poupança, da educação, do progresso, do capital cultural; pela importância dos nacionalismos. Ajusta-se, igualmente, a uma sociedade profundamente desigual, caracterizada por grandes contrastes sociais. No tocante a Inglaterra, o historiador

18 Zeyons 1991: 231.

19 Teixeira 1990: 313-314.

20 Schuerewegen 2018.

François Bédarida reparte a sociedade inglesa finissecular em cerca de 5% de elementos das classes superiores, 15% de elementos da classe média e 80% de membros das classes populares, predominando a população rural²¹.

Os anos da *Belle Époque* correspondem a um período marcado por precárias condições de vida das classes populares, sobretudo urbanas, cujas dificuldades materiais serão postas a nu com a I Grande Guerra²². Aliás, nas décadas finais do século XIX, ocorreu em vários países europeus, de uma forma quase simultânea, a tomada de consciência das “questões sociais”, expressão que, ao tempo, designava todo um conjunto de problemas com que se debatia o mundo operário (más condições alimentares, insalubridade urbana e habitacional, elevada mortalidade infantil, horários de trabalho muito prolongados, que podiam chegar às 16 horas diárias, entre outros aspetos)²³.

Discurso político e religioso coincidem na necessidade de se criarem novas formas de apoio como meio de esconjurar o espectro da pobreza ou, pelo menos, de o atenuar, dada também a sua proximidade ao universo da delinquência. Como esclarece Miriam Halpern Pereira, “Entre o trabalho assalariado e a miséria, entre esta e a criminalidade, a fronteira era ténue”²⁴. Pouco a pouco vai ganhando corpo a ideia de que o Estado tinha a obrigação de intervir numa esfera considerada privada, não obstante as resistências suscitadas por parte de liberais hostis ao estatismo. O próprio crescimento do movimento associativo operário, cada vez mais reivindicativo e aberto às novas ideologias socialista e marxista, suscitava receios, impondo algumas concessões no campo da legislação social, partindo-se do pressuposto que uma política social eficaz poderia funcionar como antídoto ao socialismo revolucionário. Face à ameaça que a pobreza representava para o tecido social avança-se com as primeiras legislações relativas às condições de

21 Bédarida 1990: 213.

22 Lejeune 1991: 118.

23 Fernandes 2000: 106.

24 Pereira 2000: XI.

trabalho, antecessoras do Estado Providência²⁵.

A noção de *Belle Époque* afigura-se, pois, relativa, dificilmente aplicável a todos os estratos sociais, não correspondendo à idade de ouro dos trabalhadores. *Belle Époque*, sim, mas só para alguns...

A sociedade portuguesa não se afasta muito deste padrão, apresentando-se, no início do século XX, muito estratificada, com uma separação muito clara entre ricos e pobres, com uma classe média, numericamente exígua: por volta de 1890 os grupos burgueses equivaliam a cerca de 12% a 14% da percentagem total da população, atingindo, nas cidades de Lisboa e do Porto, os valores percentuais de 30% da população urbana²⁶. O *fin de siècle* corresponde a um período de desenvolvimento de uma grande burguesia ligada à indústria, às atividades bancárias, às sociedades por ações e ao comércio com as colónias. Já as profissões liberais tinham um peso escasso no quadro nacional: 1,4%²⁷. Em paralelo, a cidade de Lisboa, considerada “uma das mais pequenas e menos civilizadas da Europa”, após 1879, acusa uma “ruptura incontornável em termos de expansão e de movimento e, na própria organicidade da cidade, uma inédita multiplicação de pólos de actividade”²⁸. O fervilhar do dia-a-dia da capital, tumultuado pelas consequências do Ultimato britânico de 1890 e pelo regicídio de 1908, é descrito com pormenores por Paula Gomes Magalhães, que aborda as várias formas de convivência oferecidas pela cidade de Lisboa²⁹.

Às poucas famílias que concentram o poder económico e político

25 Em Portugal, a intervenção social do Estado inicia-se com a publicação do decreto de 14 de Abril de 1891 “regularizando o trabalho das mulheres e dos menores em fábricas e oficinas”, complementado, em 10 de Abril de 1893, com o “Regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres nos estabelecimentos industriais de qualquer espécie ou sob qualquer direcção” (Baptista 2016: 47). Sobre as origens do Estado-Providência, tanto na Europa como em Portugal, veja-se, entre outros, Pereira 2010: 165-201.

26 Vaquinhas; Cascão 1993: 444. No caso da sociedade portuense, “A burguesia empreendedora e activa assumia a direcção dos destinos da cidade” (Cruz 1999: 504).

27 Vaquinhas; Cascão 1993: 444.

28 Silva 1994: 50.

29 Magalhães 2014.

opõe-se uma multidão de “desventurados”, formado por indivíduos mal alimentados, mal alojados, mal instruídos e mal assistidos. A maioria da população portuguesa - cerca de dois terços da população ativa - vivia no campo e para o campo, praticando uma agricultura de subsistência³⁰. Quanto à população industrial, aumenta progressivamente embora, em termos numéricos, se mantenha escassa, alcançando, por volta de 1907, o montante de cerca de 85.600 indivíduos, alcançando cerca de 100.000 à data de 1911. Neste universo laboral, cerca de 34,8% era constituído por mulheres, em 1890, e de 7% de menores, por volta de 1907³¹. No período em causa, as suas condições de vida degradam-se, na cidade de Lisboa, acusando uma deterioração dos consumos alimentares, o que permitiu à historiadora Miriam Halpern Pereira concluir, de forma sintética e precisa, que “comia-se pouco, bebia-se muito, morria-se jovem”³². Já no Porto do fim do século, onde cerca de “um terço da população vive em ilhas”, de precárias condições, esta forma de alojamento era considerada pela burguesia instruída da cidade como “um perigo sanitário e um perigo social que se tornava necessário destruir”³³.

O conceito *Belle Époque* remete, por conseguinte, para elites numericamente restritas, as suas principais beneficiárias, bem como para um estilo de vida marcado por gostos refinados nos consumos, na moda, na comida, na galanteria... Não nos pode, no entanto, fazer esquecer todo um universo laboral para quem a expressão não passa de uma miragem.

Como era a cidade da Figueira da Foz durante este período? Quem a frequentava na época estival? Como se divertia e em que lugares convivia? Quais os estabelecimentos da moda? É o que se procurará analisar de imediato.

30 Vaquinhas 1993: 481-482.

31 Ferro 1993: 94.

32 Pereira 1993: 165.

33 Pereira 1996: 162.

L'AIR DU TEMPS DA BELLE ÉPOQUE NA CIDADE DA FIGUEIRA DA FOZ

Desde meados do século XIX que a Figueira da Foz constituía um concorrido centro de veraneio do país, tendo sido classificada, de acordo com a sua clientela, pelo escritor Ramalho Ortigão, como uma praia de acesso democrático, embora seletiva em termos temporais, “com duas camadas diferentes de banhistas”³⁴: os meses de agosto e de setembro eram reservados aos mais abonados, “a praia engravatada ou praia de bom-tom”, e o mês de outubro aos banhistas ditos de “alforge”, gente modesta e de baixa extração social, que, após os trabalhos agrícolas das colheitas, vinha tomar os banhos prescritos pelo médico e curar moléstias³⁵. Com cerca de 11.000 residentes, em 1900³⁶, o aumento da população flutuante na quadra balnear – cerca de 20.000 veraneantes por volta de 1870 e de 30.000 no início do século XX –, provocaria a expansão física da localidade, de modo a dar-se resposta à procura de alojamento.

Ainda antes da abertura da linha férrea, deu-se início à construção de um bairro para banhistas (atual Bairro Novo), tendo as primeiras moradias sido inauguradas nos anos 1870³⁷. Tendo por modelo arquitetónico o bairro Salamanca, de Madrid, o novo espaço residencial irá converter-se numa zona elegante e o principal ponto de convívio da cidade, onde se irão instalar os novos equipamentos de lazer, em especial o Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, aberto ao público em 1884, o qual contribuiu para valorizar a área envolvente, fazendo disparar o preço das habitações. No ano de 1895 será reconvertido em

34 Ortigão 1876: 107.

35 Vaquinhas; Cascão 1993: 453-454.

36 De acordo com os recenseamentos populacionais analisados por Rui Cascão, em Dezembro de 1900, a população das localidades de Figueira e de Buarcos era, respetivamente, de 6221 e 4716 habitantes, num total de 10937 (Cascão 1998: 38-41).

37 Vaquinhas 2012: 55-56.

casino, sob a designação de Casino Peninsular.

Com a construção do novo bairro, o urbanismo figueirense dará um salto qualitativo, inaugurando-se importantes infraestruturas: o Mercado e o Jardim Municipal, em 1891, o Coliseu Figueirense, em 1895, vários balneários e casas de banhos salgados e doces, com águas termais provenientes das Caldas de Almieira³⁸, entre outras benfeitorias, dinamizando-se a construção civil e aumentando o parque habitacional, refletindo alguns edifícios influências arte nova ou *art déco* na decoração das fachadas, sobretudo apontamentos de motivos vegetalistas ou figurativos femininos (nos painéis de azulejo, nas cantarias e cercaduras, nos jarrões e outros ornamentos exteriores, nas varandas e nos portões de ferro forjado).

Em termos sociais, na cidade mantinha-se a importância económica dos negociantes, cujo peso específico, por volta de 1902, no quadro geral da população local, rondava os 12%. Associado a outros grupos socioprofissionais em expansão como o funcionalismo público e as profissões liberais, os quadros burgueses alcançavam valores da ordem dos 30%. Em consonância com a diversidade das indústrias locais (moagem, conservas, pesca do bacalhau, entre outras), o operariado também aumentara, atingindo níveis da ordem dos 41,3% pela mesma data³⁹.

Quanto aos veraneantes, cerca de um quarto (23,3%) era constituído por estrangeiros, sobretudo espanhóis, provenientes de cidades fronteiriças ou do interior da meseta ibérica, como Badajoz, Cáceres, Salamanca, Ávila, Toledo, Madrid. Como forma de captação da “colónia espanhola”, a Associação Comercial Figueirense, em parceria com estabelecimentos comerciais da cidade, investiria na divulgação da “mimosa playa de la flor del Mondego” no país vizinho⁴⁰. Em simultâneo, eram em número significativo empresários de nacionalidade espanhola na

38 É o caso dos Balneários de Villa Campos, com hotel acoplado, do da Casa de Banhos Reais e do Baneário de Villa Maior (Dias 1995: 185-187).

39 Cascão 1998: 340-341.

40 Vaquinhas 2012: 59.

cidade, sobretudo na direção de instalações de carácter recreativo⁴¹. Aliás, as potencialidades turísticas da Figueira da Foz atraíram investidores estrangeiros que desenharam projetos utópicos para a cidade, procurando ampliar o seu dinamismo, com um notável sentimento empírico de futuro. É o caso de uma empresa francesa, que sonhou transformar a localidade numa “station estivale et hivernale”, propondo-se fazer o desassoreamento do porto, de forma a “poderem entrar hiates de recreio e outras embarcações”⁴², bem como a construção “de uma grande avenida ao longo do mar, de Buarcos até Quiaios, de uma conduta de águas entre as termas de Amieira e a Figueira e de um grande hotel-balneário, de instalação de campos de recreio e de organização de regatas e outras festas”⁴³. Alguns destes projetos mantêm-se atuais, tendo sido legados aos séculos seguintes. Em simultâneo, a indústria hoteleira expande-se, subindo o número de hotéis de 7, em 1876, para 13, em 1895⁴⁴. O mesmo se aplica aos estabelecimentos recreativos que aumentam entre os últimos anos do século XIX e o início do século XX. No ano de 1905, a cidade da Figueira disponibilizava, para além de duas salas de teatro (Teatro Príncipe D. Carlos e Teatro-Chalet), o Coliseu Figueirense, o Circo Majestrick, animatógrafos, bem como seis casinos ou cafés-casinos: o Peninsular, o Mondego, o Hespagnol, o Oceano, o Europa, o Atlântico e, a partir de Julho de 1908, também o Internacional. Dispunha, ainda, de dois clubes: a Assembleia Figueirense, decana das associações recreativas da localidade e centro privilegiado de uma sociabilidade burguesa, e a Assembleia Recreativa, instalada no Bairro Novo, a qual se convertera em casino, em 1890⁴⁵.

41 É o caso do Casino Oceano, propriedade do Conde de Pinhel que, em 1915, seria arrendado a dois madrilenos, D. Ricardo Trujill e D. Antonio Dias Morale, *Gazeta da Figueira*, 07-08-1915.

42 *Mala da Europa*, nº 685, 28-03-1909: 3.

43 Vaquinhas 2012: 104-105.

44 Cascão 1998: 292.

45 Rivalidades políticas opunham estas duas agremiações, polarizando os seus sócios entre regeneradores e progressistas. Alternadamente realizavam soirées, dia-sim, dia-não. A Assembleia Recreativa, a partir de 31 de Julho de 1890, mudou de nome, passando a “Casino Mondego”.

Possuía, ainda, vários cafés ou cafés-concerto onde havia roletas e se cediam salas para “jogos de vasa” e bilhares (“Central”, “Artístico”, “Mantigneux” e “Castela”). Funcionavam, ainda, casas de jogo em “barracões” instalados em pátios ou quintais de prédios⁴⁶. A partir de 1897 a concorrência entre casas de recreio acentuar-se-á, o que se refletirá em melhorias nas respetivas instalações ou nos espetáculos apresentados. O dia-a-dia de um banhista, nos inícios do século XX, foi descrito por Mesquita de Figueiredo: “Das sete às onze são as horas do banho [...], tempo também para o *flirt*. Das duas horas até às cinco realizam-se os concertos oficiais nos dois casinos Peninsular e Mondego, quase sempre com farta concorrência de senhoras, que com as suas *toilettes* de cores claras dão aos salões animação e alegria. [...] Terminados os concertos começa a dispersão [...] À noite nova reunião, novo concerto nos cafés, no Jardim de Inverno do Casino Peninsular e no parque do Casino Mondego, alguns números de *Folies bergères*, bailados espanhóis e, finalmente, todos se dirigem para os salões de baile, onde, pela meia-noite depois de algumas vertiginosas valsas e graves quadrilhas e lanceiros [...] termina o *dia balnear*, que para muitos é verdadeiramente extenuante”⁴⁷. Ainda, segundo este autor, “Das 7 às 9 horas da manhã tomam banho os que são amos ou dispõem de si: Muito antes, vai banhar-se a classe [...] dos artistas, dos lavradores, dos serviçais, e todos quantos precisam de trabalhar durante o dia. Esses já às 4 horas tomam o seu banho, e voltam da praia com caras arrepiadas e olhos vermelhos”⁴⁸.

Para além dos banhos, logo pela manhã, as ocupações que preenchem o tempo dos veraneantes incluíam os passeios – a pé, pela praia ou pelos arredores, de carruagem ou de landau, – os piqueniques nos pinhais próximos, touradas, tiro aos pombos, atividades desportivas como as regatas, torneios de ténis, corridas de bicicletas ou de burros, ou seja,

Destinando-se ao público peninsular, conseguiu romper o exclusivismo localista dos círculos de sociabilidade figueirenses (Cascão 2009: 302).

46 Vaquinhas 2012: 63-64.

47 Figueiredo 1906: 151-154.

48 *Correio da Figueira*, 23-08-1893.

“raids burricais”, bailes e outras atividades, como declamar, cantar, tocar piano, etc., consoante o estrato social a que se pertencia. De igual modo, se ouviam concertos de bandas nos jardins e se faziam bailes infantis em vários pontos da cidade. Nesse sentido, a câmara municipal demonstra ter sabido tirar partido do “novo direito à alegria”⁴⁹, inerente à emergência do turismo de massas, ao multiplicar, na medida das possibilidades, as atrações citadinas para vários grupos etários.

O jogo, sobretudo de fortuna ou azar, ocupava um lugar destacado nas práticas recreativas dos banhistas, mobilizando os casinos a maior atenção do público, a que não escapavam os próprios figueirenses visto que “chegada a época balnear [...] fecha a sua formosa Assembleia e passa a habituê do casino”⁵⁰. A roleta constituía, inquestionavelmente, “a grande febre da época dos banhos”⁵¹ e um dos principais atrativos da animação estival de qualquer estância balnear, sem a qual diminuía o número de veraneantes, sobretudo os de nacionalidade espanhola. A Figueira não fugia a esta regra.

ANIMAÇÃO E ESPETÁCULOS

O período da *Belle Époque* corresponde também a um certo refinamento dos espetáculos, tanto do público que os frequenta como do tipo de divertimento oferecido. Se, no início da década de 1880, eram muito apreciadas as diversões de gosto popular, como o circo e as representações de operetas ou de farsas musicais, sendo comuns os comportamentos rudes e descorteses do público (pateadas e aplausos furiosos, destruição de mobiliário, cenas de pugilato entre espectadores...), a partir do final do século os comportamentos tornam-se mais civilizados e respeitadores,

49 Csergo 2001: 169.

50 Figueiredo 1906: 147.

51 Martins 1989: 56.

restringindo-se algumas salas, a exemplo do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, ao uso exclusivo de uma média burguesia que se diverte de uma forma mais tranquila e distinta.

Por razões financeiras, mas também fruto da evolução do próprio público, no ano de 1895, o Teatro-circo, após a reabilitação do edifício, é reconvertido a casino. Prioritariamente destinado a uma seletiva clientela, tanto portuguesa como espanhola, de estrato social médio ou médio alto, a publicidade define-o como o “rendez-vous” da sociedade elegante e o casino mais sumptuoso da Península Ibérica, o que se afigura corresponder à verdade, pelo menos até à inauguração do Casino de Madrid, em 1900. Como remate dessa sumptuosidade será iluminado a luz elétrica em 1914, anos antes da instalação da rede elétrica na cidade. Dispunha nas suas instalações de um casino, com sala para jogos de vasa e outros jogos, bem como uma sala de bilhar, um café-concerto designado por “Café de Inverno” ou “Jardim de Inverno”, um café-restaurante e um teatro⁵². Contava, em 1898, com uma equipe de 16 criados de nacionalidade portuguesa e espanhola, estando o serviço de restaurante entregue a um conceituado *buffetier*, especialista na *cuisine française*.

As suas atividades dirigiam-se a todos os grupos etários, das crianças aos mais velhos, procurando, acima de tudo, preservar a imagem de uma casa de recreio respeitável, conveniente e familiar, embora destinada a gente abonada. A partir da programação da época de 1903 é possível ter uma ideia das atividades promovidas (Quadro I):

52 Vaquinhas 2012: 106-108.

QUADRO I

Programa de atividades do Casino Peninsular na época de 1903 (agosto, setembro e outubro)

Horário	Atividades
14h	Concerto no Salão Nobre
19h30-21h	Concerto no recinto do café
20h-21h*	Concerto e baile infantil no recinto do café
21h30	Baile no Salão Nobre
20h30-21h*	Concertos por bandas filarmónicas

*não se realizavam todos os dias

Fonte: Vaquinhas 2012: 124.

A partir das 14 horas realizavam-se concertos no Salão Nobre, efetuando-se nas 2ª, 3ª e 4ª feiras, solos de violino, de piano e de violoncelo, enquanto, nas 6ª feiras, as sessões eram dedicadas à música de Câmara. A música fazia-se novamente ouvir ao fim da tarde, acompanhando o jantar no Café-Restaurante. Seguia-se o baile no Salão Nobre até à meia-noite. As atividades lúdicas propostas seguem uma linha seletiva, rompendo-se com as diversões de sabor popular como os números de circo, os quais, não desaparecendo totalmente, são remetidos para a arena do “Circo Majtrick”, instalado no parque do “Casino Peninsular” a partir de 1904. Pelos mesmos anos, dá-se início à realização da pantomina da feira de Sevilha, ou seja, uma espécie de garraizada, tendo a direção do Casino Peninsular, a partir do ano de 1908, colocado “uma grade de ferro”, em redor da pista, de modo a criar uma “praça de touros”, a qual passará, anos mais tarde, a constituir uma das atrações das *matinéés* infantis.

Diariamente, por toda a época balnear, durante a tarde, realizavam-se

concertos musicais, executados por pequenas orquestras constituídas, em média, por seis elementos (“sextetos”). À noite, a música alternava com a apresentação de números de variedades, na linha dos repertórios dos cafés-concerto, sendo muito apreciadas artistas espanholas ou, pelo menos, adotando “petits noms” espanhóis (*Las Macarenitas, Conchita, Palomita...*), vocacionando-se, cada vez mais, os programas de variedades para o público masculino, que disputa, no termo do espetáculo, a companhia das “salerosas” vedetas.

Já os concertos musicais destinavam-se fundamentalmente a ser escutados “em família”, ou seja, abertos a todos os membros, recaindo as preferências sobre trechos das óperas e das operetas de Puccini (1858-1924), de Rossini (1858-1924), de Gounod (1818-1893), de Bizet (1838-1875); de cantatas de Chopin (1810-1840), de Mayerbeer (1791-1864) ou de Mendelssohn (1809-1847), bem como zarzuelas de autores do “género grande ou chico” como Ruperto Chapí (1851-1909) ou Federico Chueca (1846-1908), entre outros compositores. Alcançariam êxitos retumbantes nestes anos as zarzuelas “Marina”, “Toros de puestas” ou “Cádiz”, cuja temática política, como se escrevia na imprensa local, “fazia inflamar os ânimos patrióticos dos nossos irmãos de raça”⁵³.

Muito apreciadas eram também as peças teatrais ou musicadas, de autores figueirenses, a exemplo do “O Barão d’Antanholes”, de António Pereira Correia, levado à cena, pelo menos 9 vezes, no ano de 1895. A partir do Verão de 1896, o Casino Peninsular passaria também a dispor, nas suas instalações, de um Animatógrafo, substituído pelo cinematógrafo a partir de 1914. Em homenagem à “colónia espanhola” na cidade, em tempo de veraneio, todos os anos, os casinos da cidade realizavam, em meados de agosto, uma festa “em honra dos nossos amáveis hóspedes da nação vizinha”. No caso do Casino Peninsular, a festa ocorria regularmente no dia 15 de Agosto e adotava várias modalidades, ora *soirée* dançante, ora verbena andaluza, ora variedades ou concertos, mas sempre com brindes destinados às damas e programas aprimorados com poemas

53 Vaquinhas 2012: 94.

redigidos especialmente para a ocasião⁵⁴. A Guerra civil espanhola, em 1936, poria fim a este tipo de iniciativa, substituindo-a por outro tipo de festas, adaptado à retórica nacionalista do regime estado-novista. Durante a *Belle Époque* realizam-se, também, nas várias casas de recreio da localidade, iniciativas filantrópicas, de caráter recreativo, com vista à entrega de donativos aos mais pobres e desprotegidos, a exemplo de famílias de pescadores mortos em naufrágios ou de operários vítimas de acidentes laborais.

54 Vaquinhas 2012: 412.

CONCLUSÃO

A Figueira da Foz constituía, ao tempo da *Belle Époque*, um exemplo representativo de uma cidade *cocotte*, na opinião de Baptista Loureiro⁵⁵, ou seja, mundana, com uma sociabilidade de bom tom, associada a uma cultura cívica e a uma animação considerada distinta. Fora até cerca de 1890, relativamente, próspera, fruto da concentração das funções comerciais de exportação e de importação desenvolvidas a partir do seu porto, atividades que, segundo Rui Cascão, podem ser interpretadas como barómetros de prosperidade ou de decadência. Vulnerável, em termos económicos, a partir daquela data, os caminhos de ferro vão proporcionar que, a partir da inauguração da linha férrea da Beira Alta e do ramal entre Amieira e Alfarelos se faça a ligação a Vilar Formoso, e, por essa via, às linhas férreas espanholas, a cidade se converta numa estância balnear de renome ao nível da península ibérica, justificando o título mencionado. Procurando acima de tudo cativar uma seletiva clientela, de estrato social médio ou médio alto, tanto portuguesa como espanhola, a cidade garantia, nos últimos anos do século XIX e inícios do século XX, condições de requinte e de distinção a quem nela veraneava, o que contribuiu para a projetar internacionalmente. *L'air du temps da Belle Époque*, em particular, o seu lado elegante e cosmopolita em período de veraneio, também chegou à Figueira da Foz, embora atenuado pela distância e pelo provincianismo. Findos os “Veranos de Figueira”, a cidade regressava “ao seu ar pacatamente burguês dos meses de inverno”. *Belle Époque, sim, ma non troppo...*

55 Vaquinhas 2012: 147.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Virgínia (2016), *Proteção e Direitos das Mulheres Trabalhadoras em Portugal 1880-1943*, Lisboa, ICS.

BÉDARIDA, François (1990), *La société anglaise du milieu du XIX e siècle à nos jours*, Paris, Éditions du Seuil.

CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira (2009), *Monografia da freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*, Figueira da Foz, Junta de Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz.

CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, *A cidade e o campo. Colectânea de Estudos*, Coimbra, Palimage: 321-342.

CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira (1998), *Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910. Permanência e mudança em duas comunidades do litoral*, Figueira da Foz, CEMAR.

CASCÃO, Rui (1980), *As vicissitudes do comércio marítimo de um porto secundário: o caso da Figueira da Foz (1850-1920)*, separata da Revista Portuguesa de História, tomo XVIII, Coimbra, FLUC: 133-175.

CRUZ, Maria Antonieta (1999), *Os burgueses do Porto na segunda metade do século XIX*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

CSERGO, Julia (2001), “Extensão e mutação do lazer citadino, Paris, século XIX – princípio do século XX”, Alain Corbin, *História dos tempos livres. O advento do lazer*, coord. de Alain Corbin, Lisboa, Editorial Teorema: 137-202.

DIAS, Paula M. Pereira de Oliveira (1995), “Ir a banhos na Figueira da Foz no dealbar do século XX: um olhar sobre uma época”, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXX, Coimbra, I.H.E.S. - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 177-213.

FERNANDES, Paula Guilhermina (2000), “Morte e ressurreição de Lázaro. A questão habitacional como forma de exclusão/integração social no Porto contemporâneo”, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre exclusão social*, Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro (org.), Oeiras, Celta Editora: 99-126.

FERRO, João Pedro (1993), “O Constitucionalismo monárquico (1820-1910)”, *História de Portugal Contemporâneo. Economia e sociedade*, Coord. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Universidade Aberta: 9-114.

FIGUEIREDO, Mesquita de (1906), “A Figueira da Foz Estação Balnear”, *Ilustração Portuguesa*, II vol., 3 de Setembro: 147-154.

FONSECA, Cátia Salvado (2015), *Uma família de fotógrafos. Carlos e Margarida Relvas*, Lisboa, Chiado Editora.

LEJEUNE, Dominique (1995), *La France de la Belle Époque 1896-1914*, Paris, Armand Colin.

KALIFA, Dominique (2017), *La véritable histoire de la “Belle Époque”*, Paris, Fayard.

KALIFA, Dominique (2016), «Belle Époque»: invention et usages d'un chrononyme», *Revue d'histoire du XIXe siècle*, 52 | 2016, 119-132, consulté le 31 décembre 2018. URL: <http://journals.openedition.org/rh19/4997>

MAGALHÃES, Paula Gomes (2014), *Belle Époque: a Lisboa de finais do século XIX e início do século XX*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

MARTINS, P. (2011), *Contributos para uma história do ir à praia em Portugal*, Lisboa, UNL, Tese de doutoramento, <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7093/1/pedro.pdf> (consulta a 23 agosto 2018).

MARTINS, Luís Paulo Saldanha (1989), “Banhistas de mar no século XIX. Um olhar sobre uma época”, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, 1ª série, Vol. V, Porto, 1989: 45-59.

ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, <https://archive.org/details/aspraiasdeportu00pimegoog/page/n10> (consulta a 04 agosto 2018).

PEREIRA, Gaspar Martins (1996), *Casa e família. As “ilhas” no Porto em finais do século XIX*, Porto, CEPES.

PEREIRA, Miriam Halpern (1994), “Níveis de consumo e níveis de vida em Portugal (1874-1922)”, *Das Revoluções Liberais ao Estado Novo*, Lisboa, Editorial Presença, 1993: 162-203.

PEREIRA, Miriam Halpern (2000), “Apresentação”, *Exclusão na história. Actas do Colóquio Internacional sobre exclusão social*, Maria João Vaz, Eunice Relvas e Nuno Pinheiro (org.), Oeiras, Celta Editora: IX-XI.

PEREIRA, Miriam Halpern (2010), “As origens do Estado-Providência em Portugal: as novas fronteiras entre o público e o privado”, *O gosto pela história. Percursos de História Contemporânea*, Lisboa, ICS: 165-201.

SCHUEREWEGEN, Frank (2018), “Quand peut-on dire d’une époque qu’elle est belle? (sur le livre de Dominique Kalifa)”, *La Belle Époque revisitée*, Cristina Alvares et Maria do Rosário Girão (dir.), Paris, Éditions Le Manuscrit (<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55299/3/La%20Belle%20Époque%20revisitée.pdf>).

SILVA, Raquel Henriques da (1994), “Urbanismo: caminhos e planos”, *Lisboa em movimento. Lisbon in motion 1850-1920: exposição*, Lisboa, Livros Horizonte: 41-89.

TEIXEIRA, Nuno Severiano (1990), “Da belle époque à era do jazz-band”, *Portugal Contemporâneo*, dir. de António Reis, vol. III (1910-1926), Lisboa, Publicações Alfa: 313-338.

TOWNER, J. (1996). *An historical geography of recreation and tourism in the Western World 1540-1940*. Chichester, Wiley.

TOULIER, Bernard (2005). *Architecture des loisirs en France dans les stations thermales et balnéaires (1840-1939)* In: *Divertissements et loisirs dans les sociétés urbaines à l’époque moderne et contemporaine* [en ligne]. Tours: Presses universitaires François-Rabelais (généré le 31 décembre 2018). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/pufr/637>>. ISBN: 9782869063280. DOI: 10.4000/books.pufr.637.

UNAMUNO, Miguel de (1911), *Por tierras de Portugal y de España*, Madrid, Biblioteca Renacimiento, <http://www.cervantesvirtual.com/obra/por-tierras-de-portugal-y-de-espana-780066/> (accedido a 28 de Agosto de 2018: 12.53).

VAQUINHAS, Irene (2012), *O Casino da Figueira. Sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à atualidade (1884-1978)*, 1ª edição, Coimbra, Palimage.

VAQUINHAS, Irene (2017), «*Messieurs, faites vos jeux*»: l’expansion des jeux de hasard au Portugal et leur légalisation au tournant des XIX e et XXe siècles», *Sciences du jeu*

[En ligne], 8 | 2017, mis en ligne le 26 décembre 2017, URL: <http://journals.openedition.org/sdj/837>; DOI : 10.4000/sdj.837.

VAQUINHAS, Irene; CASCÃO, Rui (1993), “Evolução da sociedade em Portugal: A lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa”, *História de Portugal*, direcção de José Mattoso, V vol., Lisboa, Círculo de Leitores: 441-457.

VAQUINHAS, Irene (1993), “O campesinato”, *História de Portugal*, direcção de José Mattoso, V vol., Lisboa, Círculo de Leitores: 479-491.

ZEYONS, Serge (1991), *La Belle Époque. Les années 1900 par la carte postale*, Paris: Larousse.

WINOCK, Michel (2002), *La Belle Époque. La France de 1900 à 1914*, Paris, Perrin.